



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16—Lisboa

Administrador: — Padre António dos Reis.
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Crónica de Fátima

A epopeia sagrada de Fátima é um dos mais assombrosos prodígios de misericórdia e ternura do Imaculado Coração de Jesus

«Pode bem dizer-se que Fátima é um grande crisol onde a Virgem quer formar na piedade e na vida cristã o velho e glorioso Portugal dos missionários e dos navegadores, o Portugal que desperta hoje remoçado e fortalecido pela graça de Nossa Senhora.»

(Dum artigo de «L'Osservatore Romano» órgão da Santa Sé, no seu número de 14 de Junho do ano p. p., sob o título «Os prodígios de Fátima»).

O Inverno em Fátima — Frio, vento e chuva — A natureza morta — Tristeza e melancolia.

Mais uma vez, em pleno coração do Inverno, o dia treze amanheceu sombrio e triste. Durante toda a noite — noite fria e tempestuosa, — fortes bátegas de água, acossadas pelo vento que sibilava furioso nas gargantas da serra, encharcaram as estradas e os caminhos, tornando umas e outros quasi impraticáveis.

Raiaram entretanto os primeiros clarões da aurora. O frio era cortante e quasi glacial. De repente, como por encanto, a chuva cessou de cair.

Mas as nuvens, negras e pesadas, continuavam a toldar o céu, cor de chumbo, parecendo envolver também a natureza morta num ténue e vaporoso manto de luto magoado e de suave melancolia...

Uma grande figura de Prelado — D. João Evangelista de Lima Vidal.

O facto culminante da peregrinação do dia treze de Janeiro foi a presença na Cova da Iria da augusta e veneranda pessoa do sábio e santo D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Vila Real e Superior Interino dos Colégios das Missões religiosas dos padres seculares portugueses. O nobre Antistite, que visitava pela primeira vez o Santuário Nacional de Fátima, dignou-se presidir às solenidades religiosas deste dia, imprimindo assim um brilho e um realce extraordinário à comemoração festiva das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Um officio histórico — Inquérito paroquial.

Foi Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma}, quando era Arcebispo de Mitilene e exercia o cargo de Governador do Patriarcado de Lisboa, na ausência do Ex.^{mo} Cardinal D. António Mendes Belo, de saúdosa memória, que redigiu o primeiro documento official, emanado da autori-

dade eclesiástica, sobre a Lourdes Portuguesa. A título de informação, seja licito transcrever aqui esse documento, que é um officio enviado ao

paróco de Fátima, rev. Manuel Marques Ferreira, encarregando-o de fazer um inquérito aos acontecimentos. É do teor seguinte:

«L.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

Para os fins convenientes seja V. Ex.^a Rev.^{ma} servido proceder a um inquérito consciencioso sobre os factos ocorridos nessa paróquia a seu digno cargo, no dia 13 do passado mês de Outubro, ouvindo testemunhas fidedignas, e principalmente as crianças que se dizem favorecidas de graças singulares do Céu.

Deus guarde a V. Ex.^a Rev.^{ma}

Lisboa e Paço Patriarcal, 3 de novembro 1917.

Il.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Paróco de Fátima.

(a) João, Arcebispo de Mitilene»

Uma anedota histórica — O Conselheiro Campos Henriques — Acertada escolha — Defeito que de-pressa se corrige.

Quando o Senhor D. João era ainda professor de sciencias eclesiasticas no Seminário de Coimbra, já corria por todo o país a fama do seu talento peregrino, da sua vasta e sólida cultura e das suas preclaras virtudes.

Era na vigência do antigo regimen.

Sobraçava então a pasta da Justiça e dos Cultos o Conselheiro Campos Henriques. Competia-lhe indicar ao régio Padroeiro o nome do sacerdote que devia ser proposto à Santa Sé para a vaga deixada em aberto na Sé de Angola pela transferência de D. António Barbosa Leão para a diocese de Faro. O ministro, atendendo às singulares virtudes e méritos que nêe concorriam, resolve apresentar o nome do novo mas já distintissimo professor para o govêrno da igreja da nossa mais vasta provincia ultramarina. Alguém, que teve conhecimento disso, apressa-se a procurar o ministro e pretende convencê-lo de que era inconveniente e contra as praxes estabeledidas fazer ascender ao episcopado um sacerdote tam novo como o padre Lima Vidal.

Mas, — obtempera o titular da pasta da Justiça, depois de ouvir pacientemente a longa exposição do seu interlocutor sem o interromper, — o padre tem mais algum defeito além dêsse que lhe aponta da sua pouca



Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real e actual Superior das Missões Portuguesas

Sua Ex.^a Rev.^{ma} visitou o Santuário de Fátima no dia 13 de Janeiro p. p., em companhia de dois Rev.^{os} Missionários Italianos, e aí celebrou a missa dos doentes e fez a Homília

idade? — Não, não tem, respondeu o interlocutor — Então, se tem só esse defeito, não importa, porque se emenda dele de pressa.

O outro calou-se e não ousou insistir mais.

Dois missionários italianos — Trinta e três anos na China — Gratas impressões — Flor da saúde.

O Senhor D. João acompanhou a Fátima dois beneméritos sacerdotes italianos, portenteses à Associação Missionária Apostólica, os rev. Mário Parodi e José Carabelli, que durante trinta e três anos exerceu as funções do seu ministério na China, para onde tencionava voltar. Estes dois ilustres peregrinos estrangeiros, que nessa madrugada tinham partido de automóvel, do Seminário das Missões, de Tomar, de que eram hóspedes, ficaram maravilhosamente impressionados com tudo quanto viram, apesar de terem visitado o Santuário num dos dias treze em que o concurso de fiéis costuma ser menos numeroso. Gratas, gratíssimas até, foram as recordações que levaram da sua romagem a esse centro de piedade, um dos maiores do mundo, recordações tanto mais vivas quanto é certo que as perfumava o aroma suavíssimo da saúde, mimosa e delicada flor que só em Portugal ostenta em toda a plenitude os seus incomparáveis encantos...

As confissões na Penitenciária — Piedade edificante — A primeira procissão de Nossa Senhora — A missa dos doentes.

Durante toda a manhã, numerosos sacerdotes atendem os fiéis que na igreja da Penitenciária purificam as suas almas, pela confissão sentida das culpas cometidas, para poderem receber com as devidas disposições o Pão dos Anjos e com ele o alimento, a força, e a consolação de que precisam para as lutas incruentas, mas porfiadas e por vezes temerosas, da sua existência neste vale de lágrimas e de misérias que é a terra.

Entretanto o venerando Prelado de Vila Real, de joelhos junto do altar-mor, reza fervorosamente, com uma piedade edificante, fazendo a sua preparação próxima para a celebração do Santo Sacrifício da Missa.

É quasi meio-dia solar.

A-pesar-do frio, a multidão que se aglomera em volta do altar do Pavilhão é enorme. Realiza-se a primeira procissão de Nossa Senhora de Fátima com a ordem e o entusiasmo do costume. O Senhor D. João paramentado-se, sobe ao altar e, acolitado pelos dois missionários italianos, celebra a Missa dos doentes, que é acompanhada de explicações, preces e cânticos.

O sermão oficial — Portugal é o reino da Mãe do Céu — Já não é preciso ir a Lourdes... Fátima, centro do culto Mariano — A Virgem, medianeira de todas as graças.

O nobre Prelado de Vila Real prega ao Evangelho. São simples mas belas as palavras que saem do seu coração de Bispo devotíssimo de Maria. Um santo proclamou, diz ele, que a França era o reino da Mãe do Céu. Com mais razão nós podemos dizer o mesmo do nosso Portugal. A Virgem veio consagrar o amor que nos tem, fazendo do Santuário de Fátima o centro máximo do seu culto, desse culto que há tantos séculos os seus filhos lhe prestam nas sumptuosas catedrais, nas grandes igrejas e nas humildes capelas e ermidas espalhadas com profusão por todo o território nacional. Agora já não precisamos de procurar a Santíssima Virgem longe, fora das fronteiras, nos grandes santuários do estrangeiro; temos-a aqui, bem perto de nós, em Fátima, no centro do nosso País, no coração de Portugal!

Só o Senhor podia fazer tam grande maravilha: colocar entre ele e nós, como medianeira de todas as graças, a Santíssima Virgem, essa criatura admirável, que se aproxima dele pela sua dignidade e poder incomparáveis de Mãe de Deus e que se aproxima de nós pela sua natureza, puramente humana como a nossa, para compreender as nossas fraquezas e misérias e condoer-se delas.

A bênção dos doentes — A trina bênção geral — A última procissão.

Terminado o sermão, realizou-se a tocante cerimónia da bênção dos doentes. Estes, que eram em pequeno número, ocupavam um espaço muito restrito dentro do respectivo Pavilhão. A bênção foi dada a cada um deles em particular pelo Senhor D. João, que levava a Sagrada Custódia debaixo da umbela. Depois de cantado o *Tantum ergo* e de encerrado o Santíssimo, o venerando Prelado deu ao povo a tripla bênção do Pontifical. Terminaram as cerimónias oficiais do dia com a recondução, feita processionalmente, da branca estátua da Virgem do Rosário para a capela das aparições.

Definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora — Adesões do mundo católico — O México e a Santa Sé.

Os leitores da «Voz da Fátima», que se presam de ser devotos da Rainha dos Anjos, não podem deixar de acolher com o maior júbilo e alvoroço todas as notícias que, de longe ou de perto, se relacionam com a sua glorificação sobre a terra. Uma das mais gratas e consoladoras é a da próxima definição do dogma da sua triunfal Assunção ao Céu.

Diariamente estão chegando a Santa Sé novas e entusiásticas adesões do mundo católico a essa definição. Até agora tem manifestado a sua adesão 12 Cardeais, 209 Bispos, todos os Congressos Eucarísticos Internacionais, as Federações das Juventudes Católicas de muitos países, mais de 150 jornais católicos, muitos católicos, associações e instituições religiosas, etc. Os votos individuais registados orçam por mais de meio milhão.

Do México acabam de chegar ao Vaticano 200 listas de adesões com mais de 130.000 nomes.

Os leitores da «Voz da Fátima» de certo não-de pedir a Deus com todo o fervor das suas almas que chegue de pressa o dia tão ardentemente desejado em que a Santa Igreja engaste na coroa de glória da Rainha do Céu mais esse rico e esplêndido florão.

A Divina Padroeira — Portugal sob o manto da Virgem — Testemunho de gratidão e preito de amor.

Maria Santíssima é a nobre e gloriosa Padroeira da nação, a celeste e imaculada Rainha dos portugueses. Desde o berço da nacionalidade, em testemunho de gratidão e em preito de amor, Portugal quis constituir-se pela vontade dos seus Reis e pela vontade do seu Povo, feudo sagrado e perpétuo da augusta Mãe de Deus. Nas horas festivas de júbilo e de triunfo, como nos lances arriscados das grandes emprezas da navegação e da conquista e nos transe angustiosos da adversidade, a alma da Pátria abrigou-se sempre sob o manto da Virgem, ofertando-lhe as palmas floridas das suas vitórias, as flores verdes das suas esperanças ou as lágrimas sentidas das suas dores.

A devoção dos portugueses a Nossa Senhora — Sumptuosas igrejas e humildes capelas.

Por toda a parte, na vasta extensão do território nacional, daqui e dali, erguem-se, nas cidades, vilas e aldeias, ora alcandoradas no cume dos montes, ora escondidas no fundo dos vales, sumptuosas Igrejas ou simples ermidas, que atestam perante as gerações que vão surgindo a piedade das gerações que já passaram para com a Virgem venerada e bendita.

Do Céu à Serra de Aire — O trono da Rainha dos Anjos — Fonte perene de graças.

Na crise mais dolorosa da nossa existência de nação livre e independente, como Mãe amantíssima que se condoi dos infortúnios dos filhos queridos do seu coração, digna-se baixar a um recanto ignorado da serra de Aire e ali, enquanto pela boca inocente de três crianças nos aponta o caminho do Céu, faz brotar um manancial perene e abundante das suas graças e das suas misericórdias.

Maria tem um trono em cada coração — Insultos e blasfémias — Justa indignação de Deus.

Em todos os corações portugueses se eleva um trono de devoção acrisolada à Rainha do Céu. Em todos... não infelizmente! Há filhos indignos e desnaturalizados que não se pejam a renegar a sua Mãe celeste, há-os até que, na sua cegueira e perversão inauditas, ousam insultá-la e blasfemar o seu nome mil vezes bendito!

Nosso Senhor está indignado com as ofensas que se fazem à sua augusta Mãe, especialmente no adorável mistério da Imaculada Conceição...

Desagravo e reparação nacional — Filhos perversos e ingratos — Treze de Maio.

É mister desagravar a Virgem, Mãe puríssima, cheia de graça e de encanto, urge dar uma satisfação condigna à justiça de seu Divino Filho, que clama vingança contra os ultrages de que ela é objecto por parte de tantos homens ingratos e perversos.

Impõe-se como indispensável um acto de expiação colectivo, um acto de verdadeira reparação nacional. E que dia mais próprio para essa *amen-de honorable* oficial e solene do que o dia treze de Maio próximo, em que se comemora o décimo quarto aniversário da primeira aparição da Rainha do Céu em terras de Portugal e em que se realiza a maior peregrinação depois de publicada a *Magna Charta* de Fátima, a carta pastoral do ilustre e venerando Bispo de Leiria «A Providência Divina»?

Meio milhão de peregrinos — Côrtes gerais da nação.

Nesse dia, que ficará gravado a letras de ouro na história gloriosa de Portugal e nos fastos imortais de Fátima, cerca de meio milhão de crentes, de todas as idades, classes e condições sociais, e de todos os pontos do país, encontra-se-ão reunidos no alto da serra de Aire, constituindo, por assim dizer, as grandes côrtes gerais da nação.

Plebiscito nacional — Junto do venerando Episcopado — Consagração de Portugal ao Sagrado Coração de Maria — Deus o quere.

Desde já, vamos todos, todos nós, que nos presamos de portugueses e de filhos de Maria, em cada diocese, junto dos nossos venerandos Prelados, suplicar que se dignem consentir que no dia treze de Maio Portugal inteiro, já consagrado ao Santíssimo Coração de Jesus, se consagre também, oficialmente, no santuário máximo da nossa Pátria, em protesto solene de desagravo, de veneração e de amor, ao Puríssimo e Imaculado Coração de Maria!

Iniciemos neste sentido, sem delongas, que não se compadecem e com o nosso amor à Virgem, um grande plebiscito nacional!

Avante, porque Deus o quere!

D. José, Bispo de Leiria Um aniversário natalício — Homenagem da «Voz da Fátima» — Chuva de graças e de bênçãos.

Na quinta-feira, quinze de Janeiro, passou mais um aniversário natalício de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Ao nobre e apostólico Prelado que a Rainha do Céu constituiu pregoeiro das suas glórias e executor dos seus desígnios maternais e que tem posto ao seu serviço os dons duma inteligência privilegiada e o mais dedicado esforço dum zelo prudentíssimo e duma actividade incansável, a «Voz da Fátima», que lhe deve tantas finezas, obséquios e atenções, nos nove anos da sua existência, apresenta respeitosos e cordiais cumprimentos, pedindo a Deus que se digne prolongar por dilatados anos a sua preciosa vida toda consagrada à causa da Igreja e da grei que lhe foi confiada pedindo à branca Rainha de Fátima haja por bem conceder-lhe as suas melhores graças e as suas bênçãos mais escolhidas.

Reitor Honório da Silva — Meio século de vida paroquial — À sombra do Santuário de Fátima — Oração e apostolado — A hora da recompensa.

Um sacerdote venerando pela idade e distinto pelo talento e pelas virtudes que o exornam fixou no princípio do corrente ano a sua residência junto do recinto das aparições. É o rev. do Honório da Graça e Silva, antigo pároco de S. Sebastião da cidade de Setúbal e reitor e arcepreste de Estarreja na diocese do Porto, onde também pertenceu a prestimosa e benemérita Associação dos Pregadores-missionários, instituída pelo saudoso e grande Bispo D. António Barroso. Alquebrado pelos anos e pelas doenças e exausto pelos seus árduos trabalhos apostólicos, de que foram teatro as duas dioceses mais vastas e mais importantes do país, resolveu ir acolher-se à sombra protectora do manto da Virgem bendita, no santuário da sua predilecção.

Passando os dias entre a oração e o serviço do confessorário, no meio duma população profundamente religiosa que o venera e estima como ele merece, vai-se preparando, segundo as suas próprias palavras, para o chamamento do Senhor, quando soar a hora suspirada da recompensa. Que o Divino Rei de Amor, pelos méritos de sua Mãe Santíssima, prolongue a vida e melhor a saúde do digno e piedoso sacerdote para bem das almas, que tanto leem ainda a esperar do seu zelo e da sua dedicação!

Diocese de Portalegre. — Peregrinação de três seminários. — Um grande Bispo — Missa solene de Pontifical. — Bela e feliz iniciativa — Banho de sol sobrenatural.

No dia vinte e cinco do próximo mês de Março, festa da Anunciação de Nossa Senhora, efectuar-se-á uma grande peregrinação diocesana ao Santuário Nacional de Fátima. É a peregrinação dos professores e alunos dos três seminários diocesanos de Portalegre: os pequenos seminários do Gavião e de Alcains e o grande seminário de Portalegre. Esta peregrinação será presidida pela extraordinária figura de Prelado, que é Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Domingos Maria Frutuoso, ilustre ornamento da gloriosa família espiritual do portentoso apóstolo do Santo Rosário, S. Domingos de Gusmão.

Não está ainda organizado o programa definitivo, mas já sabe que o venerando Bispo de Portalegre celebrará Missa de Pontifical no local das Aparições. É a primeira vez que ali se realiza um Pontifical.

Embora esta peregrinação seja propriamente uma peregrinação dos seminários, o Senhor D. Domingos deseja que os fiéis da sua diocese tomem parte em grande número nesta romagem de fé e piedade à Lourdes portuguesa.

Bem haja o inclito Prelado, modelo de Prelados sábios e santos, pela sua bela e fecunda iniciativa de levar aos pés da Rainha do Rosário, no Santuário nacional de Fátima as esperanças da sua diocese para ali receberem o banho de sol sobrenatural que aquece e tonifica as almas e purifica e eleva os corações!

Visconde de Montelo

Uma receita... útil

Se quizeres gozar uma perfeita saúde, tanto na alma, como no corpo, tomarás os seguintes medicamentos: — Raízes de fé, folhas verdes de esperança, rosas da caridade, violetas da humildade, lírios da pureza, absinto de contrição, mirra de mortificação e lenho da cruz: tudo isto atado com o fio da resignação se põe a ferver ao fogo do amor no vaso da oração, com licor de alegria e água mineral de temperança bem fechada com tampa de silêncio, deixarás tudo ao sereno da meditação e em seguida tomarás um copo pela manhã e outro à tarde, e assim ficarás gozando boa saúde que de todo o coração te desejo.

Amigo leitor

Graças de N. Senhora de Fátima

Meningite.

Elvino da Cruz Pinto, aos 13 anos de idade, foi atingido pela meningite que o levou a estado lamentável.

Sua família profundamente católica, vendo o progresso da doença manifestar-se de dia para dia, chamou o pároco para lhe administrar os sacramentos, o que elle fez imediatamente levado pelo seu zelo incansável. Depois disto deram-lhe 3 ataques que o destituíram do uso dos sentidos ficando sem fala, vista e sem ouvir.

Triste era o seu estado actual. Sua mãe e família chorava e chorava muito ao ver



ELVINO DA CRUZ PINTO

o seu filho em tais sofrimentos. O médico tinha-a desenganado dizendo-lhe que a medicina não podia com todos os meios ao seu alcance curá-lo. Pobre mãe!

Seu marido tinha sido assassinado há poucos meses ainda, injustamente. O seu único filho que Deus lhe dera e em quem punha todas as suas esperanças, entrara já em agonia.

O incansável pároco que desde o principio o não abandonara, assistia-lhe aos últimos momentos da vida, auxiliando-o na sua partida para a eternidade!

Ao ver tão triste desenlace aquela mãe com sentida mágoa e debulhada em lágrimas juntamente com algumas pessoas de família e amigas, ajoelharam-se às 11 horas da noite diante dum quadro da S.S. Virgem pedindo a cura para o agonizante, prometendo ir à Fátima se a Senhora o curasse.

A Senhora acolheu as preces e lágrimas da pobre mãe e restituiu rapidamente a saúde ao seu extremoso filho.

Já foram a Fátima e agora reconhecidos à consoladora dos aflitos, mãe e filho querem por meio desta publicação honrar mais uma vez o poder da Rainha do Sacratíssimo Rosário.

Uma pessoa de família

Cegueira.

Venho pedir muito encarecidamente a V. Ex.^a se digne conceder-me um cantinho nas colunas do seu muito conceituado jornal, a fim de publicar um facto autêntico, que foi obtido pelo uso da água da Fátima.

Em certa aldeia das Flôres há uma senhora que vinha sofrendo horrivelmente duma vista há alguns anos, e depois de haver empregado todos os recursos da medicina, nenhuns ou quasi nenhuns alívios experimentou, e passado algum tempo agravaram-se então mais os padecimentos, chegando em Abril último a estar quasi cega da vista esquerda.

Foi então que essa senhora se lembrou de invocar o patrocínio da Virgem de Fátima, usando a sua água, e depois de haver lavado a vista durante dois dias com a mesma água, ficou completamente boa.

Este facto deu-se em Abril último numa aldeia das Flôres, facto presenciado por todas as pessoas da freguesia e que deixou todos os habitantes da mesma aldeia assombrados e maravilhados.

A pessoa miraculada pediu-me para eu fazer conhecido este facto já passado há quasi um ano, pois que tinha feito o voto

de publicar a graça caso obtivesse a cura; e como a Virgem lhe concedeu o grande favor de uma cura instantânea e completa, vem agora patentear e evidenciar como a Virgem de Fátima intercede sempre em favor daqueles que se lhe recomendam em horas de angústia e aflicção, quando já não há nada a esperar dos recursos naturais.

Doença intestinal.

Há 10 anos que eu sofria duma doença horrível nos intestinos, a-pezar de ser tratada por muitos médicos distintos. Por isso abandonei os medicamentos todos, e cheia de fé recorri a Nossa Senhora de Fátima, pois é Ela que nos acode nas nossas grandes aflições. Comecei a beber a água miraculosa; e pouco tempo depois comecei a encontrar-me melhor mas muito lentamente. Em 13 de Maio de 1929 fui a Fátima e na véspera de partir fui apenas despedir-me duma amiga e voltei logo para casa por não poder andar. Nas estações tinham de me subir e descer da carruagem. Quando cheguei à Igreja da Fátima desci do automovel sozinho e fui visitar N. Senhora. Ficámos lá naquela noite e no dia seguinte de manhã fui a pé à Cova da Iria.

Apenas avistei N. Senhora senti-me completamente curada e cheia de forças apesar-dos meus 73 anos.

Agradeço reconhecida esta grande graça à S. S. Virgem de Fátima e peço-lhe que continue sempre a dispensar-me a sua Bênção de Mãe!

Panarício.

Lucinda Viana, de Espozende, diz o seguinte: Depois de usar, sem resultado, um remédio indicado como excelente para todas as feridas, como continuasse a sofrer sempre as mesmas dores, recorri com a mais ardente fé, e cheia de esperança a N. S. do Rosário de Fátima.

Uma manhã ao levantar-me sem ter conciliado o sono, lembrando-me que havia trazido quando fora a Fátima, uma pequena porção da milagrosa água desse Santuário, nela mergulhei o dedo doente, e qual não foi a minha admiração quando me senti sem dores e completamente boa.

Bendita e louvada seja Nossa S. do Rosário da Fátima.

Congestão.

Ribeirão Preto, 11 de Outubro de 1930
Ex.^{mo} Sr.

E com a maior alegria, e cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem, que venho relatar-lhe a grande graça que recebi, esperando da sua bondade, e para cumprimento da minha promessa vê-lo publicado no muito apreciado jornal da Fátima.

O meu filho de nome Rynaldo, foi acometido de uma congestão muito forte, vendo-o muito mal, a braços com a morte. Roguei a N. Senhora, sua protecção, e fiz uma novena em honra de N. Senhora de Fátima.

Por milagre, o meu filho ficou bom, não ficou defeituoso, e nunca mais se lhe repetiu o ataque.

Nunca deixarei de ter uma fé ardente na protecção de N. Senhora, que foi o meu sublime conforto nas horas da maior tristeza que pode ter uma mãe. Pedirei sempre à Rainha do Santíssimo Rosário, que me socorra e aos meus, nas horas de perigo, e que rogue sempre pelos que teem verdadeira fé.

Agradecendo subescrevo-me com toda a consideração.

Irene Borgiami

Doença dos olhos.

Cipriano Marques, natural da freguesia de Rio de Couros, concelho de Vila Nova d'Ourém, tendo ido ao hospital da Estrela consultar os Ex.^{mos} médicos, especialistas das doenças dos olhos, pelos mesmos médicos foram-me receitados vários medicamentos os quais me deram poucos alívios.

Como se aproximasse o verão, eu e minhas filhas fomos passar os meses de Setembro, Outubro e parte de Novembro à minha terra natal; perto como estava da Fátima, resolvi fazer o tratamento dos meus olhos com água de Nossa Senhora, e graças à Virgem Maria, as minhas melhoras foram-se acentuando gradualmente e aumentando à medida que mais lavava os

meus olhos, achando-me hoje completamente curado e vendo tão bem como anteriormente.

E, pois, a minha alegria tão grande que me torna um eterno devedor à Virgem, pois devo-lhe a minha cura repentina que me enche de mais saúde e de alegria.

Cipriano Marques

Palavras de reconhecimento

Leopoldo Augusto Mourato, casado, proprietário, natural da freguesia da Ribeira de Nisa e residente na cidade de Portalegre, na freguesia de S. Lourenço, rua Marquês de Pombal, n.º 9, padeceu de reumatismo mais de quinze anos, fazendo o tratamento que vários médicos da mesma cidade de Portalegre lhe indicaram e prescreveram, e tendo, durante quatro anos, ido a banhos, não obtendo nunca alívios para a sua enfermidade.

Nestas circunstâncias, bastante aflitivas, sujeito ao leito e tolhido de movimentos, nas pernas, recorri, com toda a fé e confiança, a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Julho de 1927, prometendo ir, pessoalmente, agradecer-lhe com a minha família, se me curasse.

Nossa Senhora atendeu o meu pedido e as minhas lágrimas.

Em outubro de 1927 fui à Cova da Iria, com a minha família, em reconhecimento da graça da cura que Nossa Senhora me fez, pois até hoje nunca mais sofri de dores reumáticas e tenho continuado a ir à Cova da Iria.

Isto que declaro é a expressão da verdade.

Todas as graças que dou e a minha família são poucas em reconhecimento deste benefício que Nossa Senhora me concedeu.

Leopoldo Augusto Mourato

Agradecem mais a Nossa Senhora as pessoas seguintes:—

— Albina dos Santos, a saúde alcançada para uma pessoa sua amiga.

— José Augusto B. C. Pinto, dos Açores, uma graça temporal.

— D. Rosa M. de S. Vieira Marques, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora o ter proporcionado um médico que desse com a doença de uma pessoa sua amiga, que há três anos apenas se alimentava de leite porque tratamentos errados lhe haviam causado intoxicações e a obstrução do piloro.

— Maria da Piedade Fernandes, agradece a Nossa Senhora o tê-la livrado de ser sujeita a uma operação cujo dia estava já combinado. Ao chegar esse dia sentia-se quasi restabelecida do seu mal anterior.

— Emilia Cortez Marques, agradece a Nossa Senhora o ter um seu filho conservado a vista nos dois olhos a pesar de num deles ter entrado um estilhaço de metal dum tiro de espingarda com que fora atingido casualmente.

— Maria do Castelo Ribeiro Teles, agradece uma graça recebida por intercessão de Nossa Senhora.

— António de Almeida e sua esposa, dos Açores, agradecem a saúde alcançada para sua filha Ana que há dois anos sofria continuamente.

— Maria do C. M. Barreira, agradece duas curas em favor de sua filha Maria Júlia.

— Augusta da Costa Lobo, agradece a cura duma doença que teve em Maio de 1929.

— Maria José Ida, Zeladora do Apostolado em Avis, agradece diversas graças que Nossa Senhora lhe alcançou.

— Maria José Zamitt de Passos, agradece uma grande graça que alcançou por intermédio de Nossa Senhora.

— Uma pessoa que sofria dolorosamente da garganta agradece a Nossa Senhora a sua cura e pede aos leitores da «Voz da Fátima» que lhe ajudem a agradecer também.

— Amélia Ferreira, dos Estados Unidos, agradece a cura duma menina filha dum protestante dos Estados Unidos a qual sendo doida e quasi cega obteve de Nossa Senhora a cura destes dois males pelas orações da mesma Amélia Ferreira e de mais pessoas de bem.

Contas da Confraria de Nossa Senhora de Fátima

Como já fiz o ano passado, venho neste mês prestar contas do rendimento da Confraria e levar ao conhecimento de todos o fim que tiveram as mensalidades que para ela demos. Esta arvorezinha plantada de baixo das vistas da amavel Senhora da Fátima vai lançando suas raízes tanto entre

nós como em terras estrangeiras, e lá, como aqui, vai dando os mesmos frutos de bênçãos para os confrades que nela se obtam, e que fiéis a seus estatutos, se tornam mais dignos das bênçãos do céu.

Os annos de Confraria de Nossa Senhora da Fátima que me foram enviados durante o ano de 1930 perлизaram um total de 4.495\$62. Desta quantia foi necessário gastar 677\$00, de maneira que houve um lucro de 4.428\$62 a favor da Confraria. O artigo 4.º dos estatutos determina que metade do rendimento seja empregado em missas, segundo os fiéis da mesma Confraria, fins que vem expressos no artigo 2.º dos mesmos estatutos, e que a outra metade seja para o culto de Nossa Senhora. Em conformidade com este artigo, com a quantia de 2.214\$31, metade do total, foram celebrados pelo Rev. Clero do Patriarcado 369 missas, e igual quantia 2.214\$31 foi entregue ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Prelado de Leiria, para ser aplicada no culto de Nossa Senhora da Fátima. Tiveram parte em todas estas 369 missas os confrades vivos e defuntos, e se, como a fé nos ensina, uma só missa é sufficiente para santificar todo o mundo e até milhares de mundos, que riquezas espirituais nos não terão advindo só da confraria no ano que passou?! Mas estando no principio do novo ano procuraremos aumentar nosso zelo. E' certo que os Srs. Colectores e Colectoras teem sido muitissimo zelosos no espinhoso encargo que teem, mas a Virgem Santissima não lhes deixará sem recompensa a mais pequenina acção que por ella fizerem, e com este pensamento mais zelo terão ainda se isso for possível.

O pagamento dos annuaes pode ser feito a qualquer altura do ano, mas talvez, para evitar complicações, aos colectores, porque muitos, não sabendo escrever, tem de pedir a quem lhes tome os apontamentos, para evitar essas complicações, digo, talvez fosse pratico o seguinte:—fazerem-se os pagamentos das quotas, de preferencia em dois meses, por exemplo em Junho e Dezembro.

Se assim se fizesse tinham menos trabalho os Colectores e além disso teriam também suas contas bem organizadas, o que é muito para estimar.

Isto é apenas um parecer meu, de maneira que, praticamente, aceitar-se-hão essas esmolos em qualquer altura que venham.

Voz da Fátima

Despêsa	
Transporte	244.146\$05
Papel, composição e impressão n.º 100 (61.000 exemplares)	3.277\$00
Franquias, embalagens, transporte, gravuras etc... ..	1.475\$70
Despeza com a administração em Leiria	798\$90
Total	249.697\$65

Donativos vários	
Manuel da Silva Quintas — França, 50 francos; D. Cândida Mota de Jesus — Tramagal, 20\$00; Mariano Lopes — Matozinhos, 20\$00; P.º Joaquim Matias Simões — Avis, 100\$00; Joaquim da Silva Carvalho Júnior — Lisboa, 15\$00; D. Irene Borgiami — Brazil, 41\$50; D. Maria Júlia J. d'Oliveira — Evora, 20\$00; D. Rosa Pais Vieira — Fronteira, 20\$00; P.º João R. Teixeira de Miranda — Brazil, 521\$00; D. Maria Saturnino M. C. Barriga — B. Beira, 20\$00; P.º Manuel Marinho — Foz do Douro, 100\$00; D. Lucinda Magriço Coutinho Martins — Alvarelos, 20\$00; D. Feliciano P.º de Lacerda Cauper — Lisboa, 50\$00; António Coelho de Sousa — Paredes, 105\$00; António Gonçalves Varela Ramos — S. Combadão, 17\$60; D. Alzira Pimenta de Sousa Gomes — Braga, 15\$00; D. Maria das Dôres de Castro P.º Lopes — V. Nova de Foscôa, 20\$00; Heitor P.º de Brito — Porto, 15\$00; António Martins Pereira — Valado, 20\$00; D. Amália Mendes de Macedo — Tras os Montes, 30\$00; D. Maria do Carmo Corte Real — Porto, 20\$00; D. Fernanda Lopes de Melo — Porto, 20\$00; D. Rosa de Oliveira Miranda — Lisboa, 20\$00; Manuel Coelho de Bessa Borges — Penafiel, 50\$00; D. Palmira C. Mourinho Seixas — Faro, 15\$00; P.º José de Lima Machado — Vila do Conde, 272\$50; D. Beatriz d'Assunção Cardoso P.º — Ilhavo, 20\$00; D. Maria Rodrigues Macieira — Lisboa, 15\$00; D. Maria Filomena Macieira — Lisboa, 20\$00; Um pobre policia de Braga, 20\$00; Jaime de G. — Seminário de Funchal 60\$00; D. Maria Cristina Vicente — Barcelos, 150\$00; D. Maria Aurélio Franco Cunha Matos — Beira Baixa,	

15\$00; João Bernardo Matos — B. B., 15\$00; D. Maria Emília Teixeira Berneaud — Lisboa, 20\$00; Manuel Marques Morgado — Lisboa, 15\$00; D. Elvira da Cruz Corte — Funchal, 15\$00; José Maria Malheiro — Madeira, 20\$00; D. Conceição da Silva Povoas — Rio Tinto, 15\$00; Elias da Silva Machado, — Guimarães, 50\$00; D. Ema Santos Alves — Odivelas, 15\$00; D. Maria Clementina L'breu Magalhães — Lisboa, 15\$00; Condessa de Nova Goa — Lisboa, 20\$00; M.^{me} Maria do Livramento — Senega, 15\$00; D. Maximiana Vieira da Mota — Porto, 20\$00; Directora do Hospital de Alpedrinha, 115\$00; D. Rosa Gertrudes — Lisboa, 20\$00; D. Maria Felicidade Figueira de Sousa e D. Felicidade Figueira de Sousa — Guimarães, 50\$00; D. Rosa Seabra da Cruz — Curia, 15\$00; P.^o António Fialho Prego Calabote — Alcaccer do Sal, 20\$00; D. Herminia Teixeira Lencastre — Lisboa, 15\$00; D. Maria Izabel Mendes da Costa Lopes Russo — Cabeço de Vide, 25\$00; D. Maria das Dóres Guichar — Taboão, 15\$00; P.^o José Dias Vaz Mapolesim — V. Franca de Xira, 25\$00; Jacinto Correia — Gerales, 20\$00; P.^o Tomaz de Aquino Silveiras — Carvalhos, 150\$00; Zulmira da Mota Galhardo — Penamacor, 115\$00; D. Inês da Fonseca — Foz, 25\$00; Maria da Conceição Correa — Matozinhos, 15\$00; Distribuição na Foz do Douro, 25\$00; P.^o Aveilino Domingues — Tavira, 20\$00; Manuel Sabino Marques — Oeiras, 70\$00; Miss Flora Marques — América, 2 dolars; D. Candida Cortez — Lisboa, 50\$00; D. Maria Augusta Pato — Touro, 20\$00; D. Maria Basto Vasconcelos — Porto, 20\$00; P.^o Raúl Camacho — China, 20\$00; José de Limas Machado — Açores, 20\$00; D. Maria do Nascimento Madruga — Açores, 20\$00; D. Maria Correa — Ferragudo, 30\$00; D. Belizanda de Jesus Miranda — Brazil, 30\$00.



A Maternidade de Maria Santíssima

A QUINZE SÉCULOS DE ÉFESO Santa Maria, Mãe de Deus...

O scetro de David passara para mãos de estranhos: governava, em Israel, Herodes o grande, idumeu.

As 70 Semanas de Daniel eram passadas: era chegada a plenitude dos tempos.

E foi enviado, da parte de Deus, o Anjo Gabriel a uma Virgem desposada com um varão por nome José, da Casa de David, e o seu nome era Maria.

E aproximando-se d'Ela o Anjo, diz: Avê, ó Cheia de graça, o Senhor é contigo, Bendita és tu entre as mulheres Tu conceberás e darás à luz um filho que chamarás Jesus. Este será grande e será chamado o Filho do Altíssimo O Espírito Santo descerá sobre ti e por isso o que nascerá de ti, Santo, será Chamado Filho de Deus. E Maria disse: eis a escrava do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra.

Estava consumado o mistério: o Filho de Deus, a quem o Pai gera desde toda a Eternidade, será também, doravante, o filho dos homens. A natureza divina e a humana, embora permanecendo sempre as mesmas e inconfundíveis, começarão a subsistir numa só e mesma pessoa, a Pessoa preexistente do Verbo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Jesus Cristo, Aquêlê Homem que os Judeus apontavam como o carpinteiro e filho do carpinteiro, é verdadeiramente o Filho de Deus, é Deus. Maria, a esposa de S. José, Nossa Senhora, é a Mãe de Jesus, é a Mãe de Deus.

* * *

Corria o ano 429 da era cristã. Ouviava-se ainda o eco das diabólicas afirmações de Ario e dos maniqueus.

Num dia de festa, em Constantinopla, os fiéis, ávidos de ouvir a sã doutrina, enchiam, por completo, as vas-

tas naves da maior Basílica da Nova Roma.

O metropolitano Nestório, a quem costumavam recorrer as suas ovelhas, que tremiam diante das blasfêmias «dos novos judeus e partidários de Caifaz» — os Arianos, acabara a função litúrgica e subia vagarosa e solenemente a Catedral da Verdade. A sua eloquência arrebatadora fascinava os ouvintes — o seu todo de majestade dominava a religiosa assembleia. Todos os ouvidos se preparavam para o escutar. Mas eis que, neste dia, uma desilusão amarga ia ferir todos os corações. Nestório transforma a Catedral de Verdade, em Catedral de pestilência. Os fiéis entreolham-se: aquêlê sentimento íntimo que o Espírito Santo derrama nas almas e as faz sentir o erro, a mentira, não chegara ainda a compreender o alcance das obscuras afirmações do seu Bispo. Só se sentia que aquilo não estava bem. Momentos depois, toda a dúvida se dissipa: Nestório blasfemava de Maria. Eusébio Dorileu, um simples fiel, levanta-se, no meio de ovações de toda a assembleia e proclama as grandezas de Maria. Nestório, não responde: vocifera injúrias e ameaça.

Terminada a pregação, o povo sai. O assunto das conversas eram os acontecimentos daquêlê dia.

Nestório, apesar de tudo, não tinha sido bastante claro e preciso nas suas afirmações. Mas avolumava-se a fama de que não eram rectas as suas ideias acerca da União Hipostática e da Maternidade Divina, de Nossa Senhora. Era necessário ouvi-lo, de novo, e ver até onde chegaria a sua audácia e impiedade. O momento não se fez esperar. Nestório, por boca dum seu representante, afirma categoricamente a heresia: Nossa Senhora não é Mãe de Deus!!!

Um grito de horror e reprobção se levantou unânime em plena Basílica: Nestório, blasfemo! E os fiéis armando-se da única arma legítima em tais circunstâncias, protestam saindo da Basílica para não mais lá entrar enquanto ali fôsse o heresiarca.

* * *

Passaram-se dois anos. Éfeso via entrar, pelas suas portas, cerca de 200 Bispos de todo o mundo. Lá chegaram também os enviados do Papa S. Celestino: dois Bispos Arcádio e Projecto e o presbítero Filipe.

As sessões multiplicam-se; esclarece-se a doutrina, fazem-se repetidas tentativas junto de Nestório para que se submetta e se apresente ao Concílio. Tudo inútil. O heresiarca persiste no erro: o seu orgulho não lhe permite baixar a cabeça.

Finalmente o dogma é defendido e Nestório deposto.

E' com o coração a sangrar, dizem os Padres do Concílio, que nós, instrumentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem Nestório ultrajou, o declaramos deposto da dignidade episcopal e de todo o corpo dos Bispos.

«Se alguém negar... que a Santíssima Virgem é Mãe de Deus, seja anátema».

A carta do Papa S. Celestino ao Concílio, mandada lêr por S. Cirilo, seu representante, confirma as decisões tomadas. Os Padres, ao findar a leitura do precioso documento, exclamam: Esta sentença é justa. Glória ao novo Paulo, Celestino. Glória a Celestino, guarda da Fé!...

Lá fóra, comprime-se a massa enorme dos fiéis que, ao ouvirem a boa nova da condenação do heresiarca Nestório, irrompem em gritos de alegria. Os Bispos, aclamados delirantemente,

são levados, em triunfo, aos hombros dos fiéis, à luz de archotes. Cristo vencera a heresia, Maria, a doce Mãe de Jesus, triunfara de Nestório. De todos os corações, saía êste grito unânime, em tom de saudação e de súplica: **Santa Maria Mãe de Deus...**

* * *

Eis, a leves traços, o acontecimento que, há mil e quinhentos anos, encheu de alegria a cristandade inteira e se repercutiu pelos séculos em fora, cujo Centenário é, para todos os cristãos, um motivo de renascimento espiritual, pela devoção a Nossa Senhora, sobretudo para nós, que somos o seu povo predilecto.

Muito cuidado!

Numa manhã da quaresma de 1870, entrou na igreja de Santa Maria, em Madrid, um operário, chamado João. Dirigiu-se para o confessionário dum bom religioso, que pelo seu zelo e esmolas que dava, era o principal sustentáculo duma grande casa de Beneficência. Apenas ajoelhado, João disse ao confessor: Dê-me licença, padre, de dizer que não venho confessar-me. — Então, que fazer? — Ouça: Há muito tempo que minha mulher anda a instar comigo para me vir confessar. Todos os dias me repete a mesma cantiga, chamando-me hereje, ímpio e excomungado; e eu, não podendo viver nesta situação, resolvi vir ao confessionário, afim-de que minha mulher, que me acompanhou à igreja, imaginasse que me confessasse e me deixasse em paz desde agora. — Mas, diga-me, João, porque é que tendo cumprido todos os anos êste dever de cristão, vem hoje representar uma comédia? — Padre, já que mo pergunta, vou dizer-lho com franqueza.

De todas as verdades religiosas a do inferno era a que mais me fazia conter e andar mais direito... mas, como está agora, provado que não há inferno, disse comigo: Para que hei-de ir confessar-me? Tanto mais que nada fiz contra a lei natural... — E como que verifiquei que não há inferno? — Li-o num livro de Roque Garcia (livre pensador espanhol) e em outras fôlhas que no Club distribuem gratuitamente aos operários. — E fia-se no que dizem essas fôlhas e êsse livro? — Sim, padre, porque dizem a verdade e são o evangelho do povo, melhor do que os sermões dos Padres. — Obrigado pelo cumprimento que me faz! Mas sabe quem é Roque Garcia e os outros, que ensinam tais coisas? — São homens sábios, tanto como nós! — Pois vá lá. Mas, diga-me: são mais sábios do que S. Agostinho, S. Tomaz, Balmes e todos os grandes filósofos de vinte séculos, que acreditaram e ensinaram o dogma do inferno? Isso, não o direi; mas dizem-nos tão sábios que nós podemos bem crêr neles, nós que temos estudos dessas coisas. — E diz-se igualmente que são tão virtuosos e tão santos, que para não dizerem uma mentira, são capazes de se deixar matar, e que fazem milagres para provar a verdade das suas novas doutrinas? Isso ninguém o dirá. — Então, porque vos fiaes neles mais do que nos doutores da Igreja, nos Apóstolos e até mesmo em Jesus Cristo?... — Não sei que hei-de dizer a isso; mas asseguro-vos e tenho ouvido tantas coisas contra os padres e contra o inferno, têm-me dado tantas razões, que é impossível que sejais vós que tenhais razão. — Mas, quais são essas razões? — Nesta hora não as tenho bem presentes, mas dir-vo-las-ei quando quizerdes, e vereis que o inferno não passa dum lenda indigna de ser acreditada em nossos tempos. — Pois olhe meu filho, essa descoberta, interessa-me mais a mim do que a si.

Sabe que não ganho nada em estar aqui horas e horas, de manhã até à tarde, a gastar a saliva e a exercitar a minha paciência como Job.

Também pouco interesse tenho em ir confessar os andrajosos da casa de beneficência e os tísicos do hospital... e, se me chamam a deshoras da noite, outro não encontro que não seja algum catarro, ou uma pneumonia dupla, como a que apanhei à três meses, indo sob neve e água confessar um pobre velho que estava nas últimas... Enfim, encarrego-o, João, de penetrar bem nas razões que se tem descoberto para não acreditar no inferno. Voltará domingo que vem, com esses argumentos, pois quero apreciá-los bem. Se

o inferno lhe impõe o dever de se confessar, a mim impõe a dupla obrigação de me confessar também e de ouvir de confissão os outros...

— Padre, fala a sério ou está a zombar de mim? — Sério, meu amigo. Que benefício posso eu tirar em confessar e em mentir, afirmando que há um inferno, se êle não existe! Simplesmente, lhe recomendo uma coisa. Não venha com dúvidas, porque sabe que, em caso de dúvida se há inferno, ou se não há, é preciso tomar o partido mais seguro, para se não expor a cair no fogo eterno. — Fique descaçado. Eu interrogarei as pessoas mais ilustres a respeito do que há ao certo sobre tal assunto e deixarei de lado tudo o que houver de incerto ou duvidoso. — Pois bem. Interrogue os seus sábios a respeito das coisas seguintes:

1.^o Se eles podem provar com evidencia que Jesus Cristo (que tantas vezes falou do inferno), nos enganou ou se enganou a si:

2.^o Se eles provam que também, foram impostores os doze Apóstolos e todos os Santos doutores, sábios e filósofos da Igreja, que, durante dois mil anos, tem vindo ensinando êste dogma;

3.^o Se demonstraram que a infinidade de milagres, feitos para acreditar a verdade católica, que ensina a existência do inferno, não passa dum erro e duma mentira.

4.^o Se julgam e dizem se é contrário ou não a razão e justiça que os maus e os ladrões, que não foram castigados neste mundo, sofram noutra;

5.^o Se eles provam, finalmente, que Roque Garcia, e companhia, tem mais autoridade para definir êste artigo e merecem mais crédito do que Jesus Cristo e do que os Apóstolos e todos os doutores e sábios do catolicismo. — Não sei, padre, se poderei obter todas essas provas que são em número de cinco, como os dedos da mão, mas chegando a casa, tratarei de as escrever para me não esquecer nenhuma.

Durante oito dias o pobre João trouxe a cabeça em apuros, lendo e relendo o livro de Roque Garcia, questionando com os seus amigos do Club. Entretanto, não pôde encontrar nenhuma daquelas cinco provas, que desejava para satisfazer o padre e dar-lhe a certeza de que não há inferno. Voltou no fim da semana ao seu confessor e disse: — Meu padre, nunca temei tanto o inferno como nestes dias. Ninguém pode dar-me as provas claras e satisfatórias, que V. Rev.^{ma} me pediu, para não crêr mais no inferno e V. Rev.^{ma} pode dedicar-se a outros trabalhos e ocupações.

Tenho interrogado os meus amigos do Club, e, em lugar de me apresentarem razões, responderam com mofas e insultos, rindo de mim e do inferno... Eu, porém, entendo que não basta rir do inferno para nos vermos livres dele. Sem o deixar findar, o padre abraçou estreitamente João e lhe disse: — Está bem, meu filho, vejo que comprehendes o que resta fazer a um homem sensato, que se acha no horroroso perigo da condenação eterna. João confessou-se e todas as suas dúvidas e receios desapareceram. Voltou para casa, e desde então teve alegria no coração e... paz com a mulher. Quantas pessoas há por aí nas mesmas circunstâncias, com as mesmas dúvidas que João no começo desta história!

BAILES

«Uma senhora da sociedade perguntou um dia a São Francisco de Sales se para fazer a vontade a seu marido, ela poderia assistir uma vez ou outra ao baile.

— Dou-lhe licença, respondeu o Santo, mas com a condição de pensar na morte durante todo o tempo que lá estiver.

Interrogado, um outro dia, sobre o que êle pensava dos bailes, o santo respondeu:

«O que penso dos cogumelos; os melhores não valem nada!»

Encontramos as mesmas idéias, sobre a dança, expostas por um mundano que sabia muito bem o que se passava no baile: as suas palavras são as seguintes: «Nunca duvidei de que os bailes e as danças não fossem muito perigosas. Encontram-se aí pessoas que apenas poderiam resistir na solidão, e por isso elas não poderão sair vencedoras de um lugar onde tudo está disposto para excitar as suas paixões.»

Quem quiser viver como cristão não pode frequentar os bailes.»